

Autor:

Pedro Monteiro

ruipedro_30@hotmail.com

Título:

Sobre as fontes arturianas do Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda

Resumo:

O Memorial da Proezas da Segunda Távola Redonda tem início com uma retomada da parte final da matéria narrativa arturiana, relativa à morte do rei Artur, diferente da que se pode encontrar no ciclo em prosa. O presente artigo pretende averiguar qual terá sido a fonte de Jorge Ferreira de Vasconcelos para esta parte do seu romance, ponderando para isso o conjunto das fontes arturianas disponíveis em ambiente português no momento em que o autor concebe e redige a sua obra.

Palavras-chave:

Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda; Livro de Linhagens do Conde D. Pedro; Libro de las Generaciones; Liber Regum; Roman de Brut; Historia Regum Britanniae; Los Nueve de la Fama.

Abstract:

The *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* opens with an account of the arthurian story concerning the death of King Arthur which differs from the one in the arthurian prose cycle. This article intends to establish the source of this part of Jorge Ferreira de Vasconcelos' novel, through the identification of the works containing arthurian matter that were known in Portuguese milieu by the time the author conceived and wrote his work.

Keywords:

Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda; Livro de Linhagens do Conde D. Pedro; Libro de las Generaciones; Liber Regum; Roman de Brut; Historia Regum Britanniae; Los Nueve de la Fama.

Como citar este artigo:

Pedro Monteiro, "Sobre as fontes arturianas do Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda", in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 2, 2017, pp. 79-93.

DOI: 10.21747/21839301/gua2a5

SOBRE AS FONTES ARTURIANAS DO MEMORIAL DAS PROEZAS DA SEGUNDA TÁVOLA REDONDA

Pedro Monteiro¹
Universidade do Porto

Após o seu imaginoso início, a narrativa do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* procede à retoma de uma parte da matéria arturiana². Narra-se, nomeadamente, o conjunto de eventos que levam à batalha final entre Artur e Morderet, com o conseqüente desaparecimento daquele em torno do qual se constituiu a Távola Redonda, recaindo a sucessão do reino no herói Sagamor Constantino:

«antes de lhe apresentar a cruel civil batalha, (...) antes que sofrer afronta, [Artur] ordenou suas cousas como católico e prudente príncipe, mandado e pedindo a todos seus altos homens e capitães que jurassem por príncipe soçessor de seus reinos e senhorios, Sagamor Constantino, um dos mais estremados cavaleiros dos da Távola, filho d'el-Rei Cador de Cornualha»³.

Ora estes capítulos levantam algumas questões em relação às fontes utilizadas pelo escritor português na sua composição. Como já vários autores notaram, a única obra do ciclo arturiano à qual o autor faz efetivamente referência é a *Demanda do Santo Graal*, ainda que sob essa designação se aluda uma matéria mais vasta⁴. Por isso, não seria surpreendente se outras obras do ciclo arturiano tivessem sido do seu conhecimento, nomeadamente aquelas que tiveram versão impressa em Castela, como o *Baladro del Sabio Merlin*⁵. Todavia, nenhuma dessas obras narra consistentemente o final do reinado arturiano, desde o início da rebelião de Morderet até ao processo de sucessão que se lhe seguiu.

Na parte terminal da *Demanda do Santo Graal*, Artur afasta-se do reino de Logres para a Gália, onde Galvão e Lancelot combatem, sendo depois os domínios de Artur

¹ Bolseiro de Investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/130605/2017).

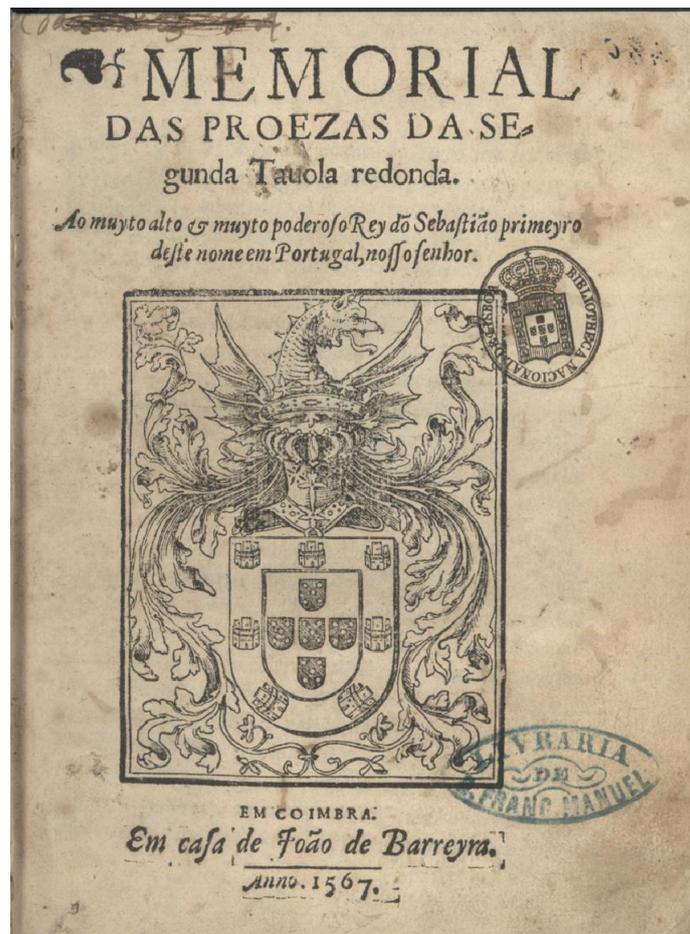
² Sobre a parte inicial da obra, ver Moisés (1957: 24) e Osório (2001: 23).

³ Vasconcelos (1567: fól. 5v).

⁴ Com efeito, as aventuras do «cavaleiro das duas espadas», mencionadas pouco antes, são matéria da *Continuação do Merlin*, não da *Demanda do Santo Graal*. Cf. Laranjinha (2011).

⁵ O *Baladro del sabio Merlin* é editado em 1498, vindo a conhecer nova edição em 1535, em Sevilha, em conjunto com a *Demanda del Santo Grial*. Cf. Gutiérrez García (2013).

assedidos pelo imperador de Roma. Só então, vencidas as tropas do imperador, é que o rei de Logres sabe que Morderet o havia traído⁶. Em contrapartida, no *Memorial* é contado que, depois de Artur ter conquistado vários territórios, o seu nome começou a ser invejado por vários, o que levou a que o Imperador Romano lhe enviasse um cônsul, pedindo o tributo que anteriormente a Inglaterra estava obrigada a pagar ao Império. Perante isto, o rei Artur vence o cônsul romano Lúcio em batalha⁷, e decide avançar para Itália, com o objetivo de subjugar o Império.



Fronstispício do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, editado em Coimbra no ano de 1567.

Ora, esta derivação da matéria arturiana presente no *Memorial* aparenta ter uma tradição mais antiga do que o ciclo em prosa, já que é muito semelhante ao que Geoffrey de Monmouth conta na sua *Historia Regum Britanniae*. Isso mesmo é ainda visível no que diz respeito à sucessão de Artur, que também no texto de Monmouth é entregue a Constantine, filho do duque da Cornualha. De notar que o *Roman de Brut*, baseado numa tradução do texto do cronista da corte inglesa para anglo-normando, realizada no

⁶ Cf. Nunes (ed. 2005: 483-484).

⁷ Ao contrário do que sucede nos textos diretamente derivados da *Historia Regum Britanniae*, que mencionam o imperador Lucius Liber, no ciclo em prosa o imperador de Roma não é identificado.

século XII por Wace, é também consistente nesta versão da parte final do reinado de Artur, como veremos adiante.

Coloca-se então o problema de saber que fontes arturianas terá o autor português usado para esta parte da sua obra. Além dos livros do ciclo arturiano mencionados, já em seu tempo Varnhagen referia ainda uma obra escrita em castelhano, publicada em Portugal no ano de 1530, intitulada *História dos Nove da Fama*, a qual continha relatos da vida de Artur, Merlim e Genebra⁸. Seria essa a fonte do autor do *Memorial*? Na realidade, a *Cronica Llamada El Triumpho de los Nueve de la Fama*, da autoria de António Rodrigues de Portugal, publicada em Lisboa⁹, é uma tradução castelhana de uma obra francesa anónima, editada pela primeira vez em Abbeville, no ano de 1487, intitulada *Le Triomphe des Neuf Preux*.

Esta tradução de António Rodrigues, tal como demonstraremos ao longo do artigo, parece-nos fulcral para o desenvolvimento da narrativa do *Memorial*, tornando-se importante uma pequena referência à tradição dos nove da fama, motivo que, entre os séculos XIV e XVII, se difundiu tanto pela arte como pela literatura europeia. Através da representação de nove figuras – Heitor, Alexandre o Grande, Júlio César (pagãos), Josué, David, Judas Macabeu (judeus), Rei Artur, Carlos Magno, Godofredo de Bouillon (cristãos) –, este tema vem cristalizar em torno destes heróis os ideais de honra e virtude que caracterizavam o ideal cavaleiresco¹⁰. Atribuindo-se tradicionalmente a primeira referência literária a este motivo ao poema francês *Les Voeux du Paon*¹¹, de Jacques de Longuyon (c.1312), existem hoje evidências que apontam para uma referência anterior, antes de 1300, na obra *Van neghen den besten*, do poeta flamengo Jacob van Maerlant¹².

Difundindo-se rapidamente pelo norte da Europa¹³, interessa-nos sobretudo destacar a popularidade deste tema em França, através de onde penetrou na Península Ibérica. Assim, além dos dois textos que referimos já e que serão importantes para perceber a difusão do tema na península, devemos ainda salientar *L’Histoire des Neuf Preux et des Neuf Preues*¹⁴, escrita por Sebastien Mamerot e publicada em 1463, obra

⁸ Cf. Varnhagen (1872: 28). Agradecemos neste ponto o auxílio prestado pelo Doutor Filipe Alves Moreira.

⁹ À edição de 1530 seguiram-se três em Valência (1532, 1537 e 1539), uma em Alcalá de Henares (1585) e outra em Barcelona (1586), podendo, assim, a edição de Alcalá, explicar a difusão do tema dos Nove da Fama no *Quijote*. Cacho Blecua (2010: 110-111). Sobre as diferenças entre estas edições ver Sharrer (2015: 244-246).

¹⁰ Azevedo (1966: 93); Hancock (1985: 239).

¹¹ Texto que se encontra editado por Trachsler (1996).

¹² Anrooij (2010: 1151).

¹³ Cf. Anrooij (1995).

¹⁴ Sobre esta obra, ver Salamon (2011), *Écrire les vies des Neuf Preux et des Neuf Preuses à la fin du Moyen Âge: étude et édition critique partielle du Traité des Neuf Preux et des Neuf Preuses de Sébastien Mamerot (Josué, Alexandre, Arthur; les Neuf Preuses)*, thèse de doctorat préparée sous la direction de M. Gilles Roussineau, soutenue le 26 novembre 2011 à l’université Paris-Sorbonne <http://journals.openedition.org/peme/2501>.

possivelmente conhecida pelo anónimo autor de *Le Triomphe des Neuf Preux*, texto este que retira as nove mulheres e acrescenta ainda um décimo personagem masculino: Bertrand du Guesclin¹⁵.

Ainda no século XIV há referências a este motivo em espaço ibérico – em 1347 e em 1351 chegam à corte de Pedro III de Aragão tapeçarias com a representação dos nove da fama¹⁶. Mudando o espectro para referências literárias e outras regiões da península, como Castela e Portugal, será preciso chegar aos séculos XV e XVI¹⁷ para se encontrarem evidências desta tradição. Em território português só em 1509 encontramos referência a esta temática¹⁸, no *Livro do Armeiro-Mor*, obra na qual surgem representadas as armas dos nove cavaleiros da fama, estando já estudadas as proximidades com as representações que aparecem no *Le Triomphe des Neuf Preux*¹⁹. A tradução desta obra francesa feita por António Rodrigues de Portugal funciona como que o corolário da propagação do motivo dos nove da fama em território português e a isto se liga o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, obra que, ainda que não se refira expressamente aos nove, foi beber da narrativa arturiana que aí é contada²⁰.

¹⁵ Hancock (1985: 41-44).

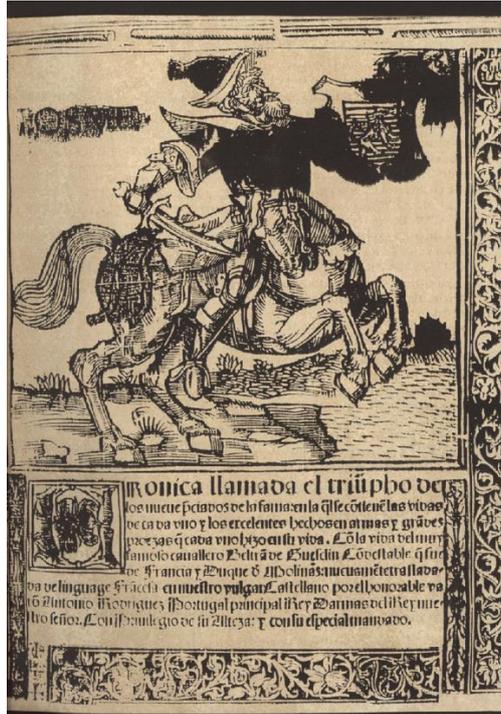
¹⁶ Arooij (1995: 15).

¹⁷ O texto francês *Les Voeux du Paon* foi muito cedo traduzido para versos castelhanos do *mester de clerecía*, a fazer fé nas alusões que são feitas pelo Marquês de Santillana, na sua célebre carta-proémio dirigida a D. Pedro, Condestável de Portugal, a um poema que designa como *Los Votos de Pavon*. Além disto, encontram-se, também no século XV, textos que adaptam o modelo dos Nove da Fama ao espaço castelhano, com a particularidade de, entre os nove heróis de antanho, omitirem o rei Artur. Sobre esta temática, ver Bautista (2009) e Bautista; Arizaleta; Beltrán (2011).

¹⁸ Já Francisco de Simas Azevedo escrevera que “Tanto quanto sei a presença dos «Nove da Fama» no Livro do Armeiro-mor, é o primeiro (e até talvez o último também) monumento em Portugal, deste culto tão pródigo de manifestações para além dos Perineus.” Azevedo (1966: 93).

¹⁹ Cf. Azevedo (1966); Sharrer (2015).

²⁰ Interessante será também perceber de onde deriva a matéria arturiana presente nos textos franceses em torno dos Nove da Fama. Sobre esta questão ver Salamon (2008).



Fronstispício da *Cronica llamada el triunfo de los Nueve Preciados de la Fama*, editada em Lisboa no ano de 1530.

Tendo estas narrativas francesas uma afinidade flagrante com o texto de Geoffrey de Monmouth, coloca-se a questão de saber se Vasconcelos apenas reproduz aspetos presentes na referida tradução para castelhano ou teve acesso a outras fontes de informação sobre matéria arturiana. Com esta abordagem propomo-nos também fazer um ponto da situação sobre as fontes arturianas que circularam durante o final da Idade Média em ambiente peninsular, especialmente contendo a problemática da sucessão dinástica dos reis da Bretanha, sendo ainda plenamente conhecidas durante o século XVI.

A que primeiro ocorre é, sem dúvida, o *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro. A matéria arturiana contida nesta obra, embora conheça já alguns episódios do ciclo de romances arturianos em prosa²¹, provém essencialmente do atrás mencionado *Roman de Brut*, entretanto incluída no chamado *Liber Regum*, compêndio genealógico originário da Navarra e elaborado pelos finais do século XII ou inícios do século seguinte²². Nem todas as versões desse livro navarro preservam íntegra a matéria arturiana que vimos referindo. O *Libro de las Generaciones* é, desse ponto de vista, uma versão privilegiada e foi essa, ou uma redação muito próxima, a que Pedro de Barcelos teve acesso. No entanto, há obstáculos sérios a que o *Livro de Linhagens*, ou até o *Libro de las Generaciones*, tenham sido a fonte do romancista do século XVI: é que, enquanto

²¹ Cf. Miranda (2013).

²² Para a problemática das versões do *Liber Regum*, ver Cintra (1952); Catalán/Andrés (1970: LIII-LIII); Martin (1992: 27-33); Bautista (2013). Sobre o *Liber Regum* em Portugal na Idade Média, consultar Miranda (2011).

Jorge Ferreira de Vasconcelos nomeia apenas um sucessor para o rei Artur, estes dois livros apontam que o grande monarca bretão teve mais do que um rei a suceder-lhe.

Vendo os textos mais de perto, as dificuldades parecem mesmo aumentar, já que as relações textuais entre todos estes textos são algo nebulosas. Na realidade, a leitura do único testemunho, a que temos acesso, da versão do *Liber Regum* conhecida como *Libro de las Generaciones* opera sobre a sua fonte direta, no que diz respeito à matéria arturiana, uma série de modificações que, na maior parte dos casos, resultam numa abreviação e omissão da narrativa previamente existente. A intimação do imperador de Roma à corte arturiana, que desencadeia um conflito de vasta escala, está reduzida a poucas palavras, o mesmo sucedendo com tudo o que virá a seguir-se. Nos episódios finais, já depois de terminado o confronto em que Morderet é morto e Artur recebe igualmente feridas mortais, diz-se que a sucessão do trono recaiu sobre Constantino, filho de Candor da Cornualha, mas acrescenta-se que essa soberania foi dividida:

«Aprés del rey Artús, ovo tres reyes en el reysmo de Bretaynna: la un partida de la terra ovo Loth de Leonés, el padre de Galván; et la otra partida ovo el Constantin, el fillo de Cador, del duc de Cornuaila»²³.

Perante esta redação impõe-se um breve apontamento sobre a evolução da tradição textual que permitiu que se aqui se chegasse. O rei Artur não tem filhos que lhe sucedam e o sobrinho avuncular, Morderet, sobressai pela atitude atentatória e traidora relativamente ao tio, provocando não uma sucessão mas antes um conflito, e desqualificando a relação avúnculo-sobrinho materno como alternativa à sucessão linear pai-filho²⁴. A leitura do texto inicial desta tradição textual – a atrás mencionada *Historia Regum Britanniae* –, onde Cador, «dux Cornubiae», é o primeiro a anunciar a resistência à intimação do imperador de Roma²⁵, faz desta personagem uma opção credível à ocupação do trono, deixado vago mais adiante. E tal virá de facto a suceder, segundo as palavras do escritor de Monmouth, recaindo a condição régia no seu filho:

«Sed et inclitus ille Arturus letaliter vulneratus est, qui, illinc ad sananda vulnera sua in insulam Avallonis evectus, Constantino, cognato suo et filio Cadoris Cornubiae, Britanniam regendam dimisit, anno ab Incarnatione Domini quingentesimo quadragesimo secundo»²⁶.

Como dissemos, embora não seguindo literalmente o texto latino, o *Roman de Brut* não altera o fundamental destes dados:

²³ Ferrandis Martinez (ed. 1968: 41).

²⁴ Sobre esta temática – relação do sobrinho materno com o avúnculo –, veja-se Ruiz Doménech (1984); Barthélemy (1985).

²⁵ «Cador, dux Cornubiae, ut erat laeti animi, in hunc sermonem cum risu coram rege solutus est...», Hammer (ed. 1951: 165).

²⁶ Hammer (ed., 1951: 252).

«Al fil Cador de Constantin
de Cornuaille, un sien cosin,
livra son regne, si li dist
Qu'il fust rois tant qu'il revenist.
Chil prist la terre, si la tint,
Mais ainc puis Artus ne revint.»²⁷.

Nestas circunstâncias, o surgimento de dois reis sucedendo a Artur no texto do *Libro de las Generaciones* só pode resultar de uma intenção deliberada de construir uma imagem de divisão sucessória do reino, processo político que os séculos imediatamente anteriores ao da elaboração destes textos conheceu com muita frequência²⁸. Com efeito, o Rei Loth da Orcania, ou de Leonis, pai de Galvão e de Morderet, é talvez o mais relevante companheiro de Artur ao longo das suas campanhas militares e terá sido certamente por essa razão o escolhido para figurar junto a Constantino como herdeiro do trono do rei Artur. Esta opção tanto pode ter tido origem numa versão do *Roman de Brut* posterior às versões conhecidas, como pode ter sido introduzido pelo tradutor para língua ibérica à vista do texto original. Neste último caso, só tendo em conta o texto francês na sua integridade seria possível valorizar do rei Loth a ponto de o nomear como herdeiro de Artur. Com efeito, todos os episódios onde este companheiro de Artur figura estão omissos no *Libro de las Generaciones*, impedindo um redator mais tardio de ter um conhecimento do enredo que lhe permitisse tomar aquela iniciativa de refundição²⁹.

Tendo como fonte um texto semelhante a este último livro genealógico navarro, Pedro de Barcelos testemunha igualmente a sucessão de Artur em dois reis, embora vá corrigindo alguns aspetos da narrativa – ou seguindo um exemplar mais íntegro do que o atualmente conhecido –, ao mesmo tempo que altera voluntariamente certos detalhes³⁰: «E no reino de Bretanha houve depois de rei Artur dous reis; e ùa parte houve Loth de Leonis e a outra partida houve Constantim, o filho de Candor, o duc de Cornualha»³¹.

Ora, a menos que Jorge Ferreira de Vasconcelos tenha à sua conta resolvido anular um destes reis, indo ao encontro daquilo que seria a versão original da *Historia Regum Britanniae* ou do *Roman de Brut*, há que ponderar se não conheceu antes uma versão da queda do mundo arturiano mais próxima da que se acha nestes textos. Lembre-se

²⁷ ARNOLD, PELAN (eds., 1962: 156); ver também De Lincy (ed. 1836: 232).

²⁸ Para não falar já da divisão do império carolíngio, é de notar que, na Península Ibérica, em que se escreve o texto, as divisões dos reinos à morte dos reis se foram sucedendo, sendo que Leão-Castela apenas conhece uma transmissão indivisa com a morte de Fernando III e a subida ao trono de Afonso X.

²⁹ Na realidade, no texto editado estão mencionados três reis, o que tomamos à conta de erro do testemunho, já que não corresponde às especificações feitas pela matéria narrativa. Aguardamos uma nova edição já em preparação (Cf. Hélène Theulin-Pardo, e-Spania, Travaux en cours...) para melhor elucidar esta questão.

³⁰ Ao contrário do que sucede no *Libro de las Generaciones*, que segue de perto o *Roman de Brut*, o Conde exime a rainha Genevra de relações incestuosas e adúlteras com Morderet, o que leva a que a sua reclusão num convento não ocorra como uma punição, mas apenas como um ato natural à sua condição.

³¹ Mattoso (ed., 1980: 2E3, 91).

que têm sido mencionados em espaço ibérico pelo menos dois textos diversos que podem satisfazer estas condições: o primeiro, será a tradução da *Historia Regum Britanniae* feita em ambiente alfonsino que depois viria a ser usada na confecção da *General Estoria*. É mesmo possível que essa tradução tenha sido realizada a partir de um manuscrito atualmente ainda existente na Biblioteca Nacional de Espanha³²; a segunda, terá sido uma tradução de um texto francês designado *Estorie de Brutus*, por sua vez vertida para francês a partir da crónica de Geoffrey de Monmouth. Ou seja, uma versão francesa paralela ao *Roman de Brut*. Este texto, posteriormente incluído na *Histoire ancienne jusqu'à César*, terá sido usado para completar as redações peninsulares da matéria troiana, como tem sido defendido recentemente³³.

Limitamos a nossa abordagem das fontes do *Memorial* unicamente à questão sucessória, embora a matéria posterior – a rebelião dos filhos de Morderet – possa também ser convocada, até porque está presente tanto na tradição que deriva da *Historia Regum Britanniae* e das suas traduções, como no ciclo em prosa. Uma vez mais neste ponto, Jorge Ferreira de Vasconcelos parece aproximar-se do que é contado na tradução de António Rodrigues Portugal, relato que se aproxima, novamente, daquele que surge na *Historia Regum Britanniae*. No *Memorial* não é testemunhada a morte violenta de nenhum dos filhos de Morderet (na *Demanda*, Meliam é morto por Boorz e o seu irmão mais velho é morto por Lancelote³⁴), mas declara o mais velho – Godifert – perdido no mar, permanecendo o filho mais novo – Dagobert – conformado com a supremacia de Sagramor Constantino. Mais ainda, enquanto a tradição arturiana dá os acontecimentos como tendo ocorrido em espaço insular, o autor português desloca a ação para Bolonha e, posteriormente, para o Norte de África, onde Godifert trava uma aliança com o Miramolim de África, instigando-o a conquistar o reino de Sagramor. Não deixa de ser curioso notar que tanto na narrativa da *Historia Regum Britanniae* como na da *Cronica de los nueve de la fama* os filhos de Morderet aparecem ajudados pelos saxões³⁵, o que no *Memorial* se converte em ligações de parentesco, na medida em que Godifert e Dagobert seriam fruto da ligação do filho de Artur com a filha do duque da Saxónia, Arnalda³⁶.

Situação igualmente inconclusiva ocorre quando Jorge Ferreira de Vasconcelos qualifica Candor, o pai de Sagramor Constantino, como rei, enquanto a *HRB*, o *Libro de las Generaciones* e o *Livro de Linhagens* tratam essa personagem como «dux, duc». Essa designação apenas está omissa no *Roman de Brut*. A *Cronica de los Nueve de la Fama* omite qualquer destas designações, «dux» ou «rei».

³² Referimo-nos ao Ms 6319 da Biblioteca Nacional de Espanha. Sobre o assunto, ver Gómez Redondo (2013).

³³ A este propósito, ver Pichel Gotérrez (2016: 145).

³⁴ Nunes (ed. 2005: 501-503).

³⁵ Hammer (ed. 1951: 252); Portugal (1530: fól. 196r).

³⁶ Vasconcelos (1567: fól. 10v-11r).

De forma a darmos por terminada esta breve exposição sobre a problemática que envolve as tradições arturianas que se perpetuavam no século XVI ibérico e as possíveis fontes do Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda, queremos ainda chamar a atenção para uma figura feminina - Liscanor - através da qual é possível sugerir, uma vez mais, que o autor segue de perto a tradição transmitida na tradução castelhana dos nove da fama, ao mesmo tempo que permite atentar nas alterações introduzidas a partir daí.

Liscanor tem uma tradição arcaica: ainda que não surja no texto de Monmouth, é possível, pelo menos, recuar até à *L'Estoire de Merlin* vulgata, para se encontrar uma referência a esta figura:

«Ensi soriournerent en ioie & en solas iusquau mi quaresme si auint que li rois artus par le conseil merlin sacointa dune pucele la plus bele qui onques fust nee & auoit non lisanor si fu fille al conte sevain qui mors estoit dou castel nee com apeloit canparcorentin. Icele pucele vint faire hommage au roy artu (...). Et si tost comme li rois artus vit la pucele si li plot moult & fist tant par merlin quil parlaa lui seul a seul & quil iurent vne nuit ensamble & illuec fu engendres lohot qui puis fu boins cheualiers & des compaignons de la table roonde.»³⁷.

Esta narrativa, contando que Liscanor seria uma jovem por quem Artur se teria apaixonado por intermédio de Merlim, tendo nascido um filho ilegítimo desta relação, Lohult, encontra-se também na *Cronica de los Nueve de la Fama*:

«Entre los cuales vino una noble y gentil dama, nombrada Liscanor, hija del conde Sevano, la qual hizo homenaje al rey Artus. Y porque era hermosa, el rey le quiso bien de amores y siguiola tanto por medio de Merlin, hasta que engendró en ella a Lohault, el buen cavallero el qual después hizo muchas proezas en armas en el reyno de Logres»³⁸.

Ora, no *Memorial*, a história de Liscanor e Artur apresenta alguns matizes importantes relativas a esta tradição. Neste texto, Liscanor, filha do conde Sevano e irmã mais nova de Drusianda, trata-se da primeira mulher legítima do rei Artur, sendo que deste matrimónio nasceu a infanta Selêucia, «de cujo parto a mai morreo»³⁹. A transformação de Liscanor em esposa legítima e de Lohult em Selêucia torna-se ainda mais significativa, na medida em que esta infanta é casada, à data da morte de Artur, com Sagamor Constantino:

³⁷ Sommer (ed. 1908: 124).

³⁸ Portugal (1530: fól. 184r).

³⁹ Vasconcelos (1567: fól. 68v).

«Sagramor Constantino (...), filho d'el-Rei Cadour da Cornualha e casado com a infanta Selêucia, que el-Rei Artur houve em Liscanor, filha do conde Sevano, sua primeira molher.»⁴⁰.

Atentando no facto de que, no *Memorial*, a sucessão de Artur para Sagramor pudesse afigurar-se como algo insólito aos olhos do público quinhentista, a solução encontrada por Jorge Ferreira de Vasconcelos parece suprimir qualquer dúvida na questão sucessória, uma vez que o cavaleiro escolhido pelo monarca é casado com a sua única filha legítima. Simultaneamente, legitima-se a realeza de Sagramor e afasta-se a possível pretensão ao trono de Morderet, filho bastardo de Artur.

Em suma, analisar as possíveis fontes do Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda permite não só aferir a importância da matéria arturiana no século XVI, como também perceber as alterações e inovações que Jorge Ferreira de Vasconcelos introduz, de forma a conferir mais verossimilhança à narrativa que cria. Portanto, estariam presentes em ambiente ibérico pós-medieval várias tradições de matéria arturiana contendo a parte terminal do reinado do rei Artur, certas delas reveladoras de grande proximidade relativamente à narrativa original da *Historia Regum Britanniae*. Jorge Ferreira de Vasconcelos poderá ter tido acesso a algum desses textos ou eventualmente a todos, embora *Los Nueve de la Fama* pareça ser a obra que mais diretamente se oferece como fonte da sua narrativa para os pontos considerados.

Bibliografia:

Anrooij, Wim van (1995), “España, los Países Bajos y la tradición de los Nueve de la Fama”, in *Diálogos Hispánicos*, 16, pp. 11-26.

Anrooij, Wim van (2010), “Nine Worthies”, in G. Dunphy (ed.), *The encyclopedia of the medieval chronicle*, Leiden, Brill, vol. II, pp. 1150-1152.

Arnold, I.; Pelan, M. (eds. 1962), *La partie arthurienne du Roman de Brut*, Paris, Librairie Klincksieck, 1962.

Azevedo, Francisco de Simas Alves de (1966), *Uma interpretação histórico-cultural do Livro do Armeiro-Mor*, Lisboa.

Bautista, Francisco (2009), “El motivo de los «Nueve de la Fama» en *El Victorial* y el poema de *Los Votos del Pavón*”, in *Atalaya*, [En ligne], 11 | 2009, mis en ligne le 20 avril 2009, consulté le 21 janvier 2018.

URL: <http://journals.openedition.org/atalaya/363>.

⁴⁰ Vasconcelos (1567: fól. 5v-6r).

- Bautista, Francisco (2010), "Original, versiones e influencia del *Liber regum*: estudio textual y propuesta de *stemma*", in *e-Spania* [En ligne]. Consulté le 17 juillet 2011. URL: <http://e-spania.revues.org/19884>.
- Bautista, Francisco; Arizaleta, Amaya; Beltrán, Rafael (2011), "L'héritage hispanique des *Voeux du Paon*", in C. Gaullier Bougassas (dir.), *Les Voeux du Paon de Jacques de Longuyon: originalité et rayonnement*, Paris, Klincksieck, pp. 237-252.
- Barthélemy, Dominique (1985), "La parenté", in P. Ariès et G. Duby (dir.), *Histoire de la vie privée*, vol. II: *De l'Europe féodale à la Renaissance*, Paris, Seuil, pp. 28-121.
- Cacho Blecua, Juan Manuel (2010), "El mundo caballeresco en el Quijote", in *Destiempos. Revista de Curiosidad Cultural*, 23, pp. 104-148.
- Catalán, Diego; Andrés, Maria Soledad (1970), *Edición Crítica del Texto Español de la Crónica de 1344 que Ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, Madrid, Gredos.
- Cintra, Luís Filipe de Lindley (1952), "O *Liber Regum*, fonte comum do *Poema de Fernán González* e do *Laberinto* de Juan de Mena", in *Boletim de Filologia*, XIII, 3-4, pp. 285-315.
- Cropp, Glynnis M. (2002), "Les vers sur les Neuf Preux", in *Romania*, 479-480, pp. 449-482.
- De Lincy, Le Roux (ed. 1836), *Le Roman de Brut par Wace, poète du XIIIe siècle, publié pour la première fois d'après les manuscrits des bibliothèques de Paris avec un commentaire et des notes par Le Roux de Lincy*, Rouen, Édouard Frère, Éditeur, tome I.
- Ferrandis Martinez, Josefa (ed. 1968), *Libro de las Generaciones*, Valencia, Editorial Anubar.
- Ferreira, João-Palma, (ed. 1998), *Jorge Ferreira de Vasconcelos Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, Porto, Lello Editores.
- Gómez Redondo, Fernando (2013), "La materia de Bretaña y los modelos historiográficos: el caso de la *General estoria*", in *e-Spania* [En ligne], 16 | décembre 2013, consultado a 15/03/2017. URL: <http://e-spania.revues.org/22707>; DOI: 10.4000/e-spania.22707.
- Gutiérrez García, Santiago (2013), "Caballería y poder en la literatura artúrica hispánica de finales del siglo XV y principios del XVI", in *e-Spania* [Online], nº 16, consultado a 18/01/2016. URL: <http://e-spania.revues.org/22738>; DOI: 10.4000/e-spania.22738.
- Hammer, Jacob (ed. 1951), *Geoffrey of Monmouth, Historia regum Britanniae, a variant version*, Cambridge, Medieval Academy of America.

- Hancock, Edwina Anne (1985), *The Nine Worthies: their influence on Culture from the Fourteenth to the Seventeenth centuries*, Tese de Mestrado, University of Cape Town.
- Laranjinha, Ana Sofia (2010), *Artur, Tristão e o Graal. A escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas.
- Martin, Georges (1992), *Les juges de Castille. Mentalités et discours historique dans l'Espagne médiévale*, Paris, Klincksieck.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2010), "Do *Liber regum* em Portugal antes de 1340", in *e-Spania* [En ligne], 9|juin 2010, mis en ligne le 10 mars 2013. URL: <http://e-spania.revues.org/19315>; DOI: 10.4000/e-spania.19315.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2013), "Lancelot e a recepção do romance arturiano em Portugal", in *e-Spania* [En ligne], 16|décembre 2013, mis en ligne le 20 décembre 2013, consultado a 03/04/2017. URL: <http://e-spania.revues.org/22778>; DOI: 10.4000/e-spania.22778.
- Mattoso, José, (ed. 1980), *Portugaliae Monumenta Historica: "Livro de Linhagens do Conde D. Pedro"*, Lisboa, Academia das Ciências, 2 vols.
- Moisés, Massaud (1957), *A Novela de Cavalaria no Quinhentismo Português – O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Boletim 218.
- MONTEIRO, Pedro (2016), "O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda. Contributos para o estudo do romance de cavalaria quinhentista português", in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, 1. URL: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/gua/article/view/3485/3245>, pp. 63-92.
- NUNES, Irene Freire, ed. (2005), *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, INCM.
- OSÓRIO, Jorge (2010), «Um «género» menosprezado: a narrativa de cavalaria do séc. XVI». *Máthesis*. Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 10, p. 9-34.
- PICHEL GOTÉRREZ, Ricardo (2016), "Lean por este libro que o acharam mays complidamente...". Del *Libro de Troya* alfonsí a la *Historia Toyana* de Pedro I», *Troianalexandrina*, 16, p. 55-180.
- PORTUGAL, Antonio Rodriguez (1530), *Cronica Llamada El Triumpho de los Nueve de la Fama*, Lisboa, German Gallarde.
- RUIZ DOMÉNEC, Jose Enrique (1984), *La memoria de los feudales*, Barcelona, Argot.
- SALAMON, Anne (2008), «Arthur parmi les Neuf Preux», in Denis Hüe, Anne Delamaire, Christine Ferlampin-Acher (ed.) *22^e Congrès de la Société Internationale Arthurienne, Actes*, Rennes.

URL: <https://www.sites.univ-rennes2.fr/celam/ias/actes/pdf/salamon.pdf>.

SALAMON, Anne (2011), *Écrire les vies des Neuf Preux et des Neuf Preuses à la fin du Moyen Âge: étude et édition critique partielle du Traité des Neuf Preux et des Neuf Preuses de Sébastien Mamerot (Josué, Alexandre, Arthur; les Neuf Preuses)* thèse de doctorat préparée sous la direction de M. Gilles Roussineau, soutenue le 26 novembre 2011 à l'université Paris-Sorbonne.

URL: <http://journals.openedition.org/peme/2501>.

SHARRER, Harvey L. (2015), «Translation, adaptation and 'plagiarism' in the *Tratado Geral da Nobreza*, attributed to António Rodrigues, Portugal King of Arms (Part 1), *eHumanista*, N° 31, p. 233-252.

URL: http://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.span.d7_eh/files/sitefiles/ehumanista/volume31/ehum31.ms.sharrer.pdf.

SOMMER, H. Oskar, ed. (1908), *The vulgate version of The Arthurian Romances: L'Estoire de Merlin*, Washington, The Carnegie Institution of Washington, vol. II.

TRACHSLER, Richard (1996), *Clôtures du cycle Arthurien: étude et textes*, Genève, Librairie Droz.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (1872), *Da litteratura dos Livros de Cavallarias – Estudo breve e consciencioso*. Viena: Imprensa do filho de Carlos Gerold.

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2013), «A Matéria Arturiana na literatura cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVII», *e-Spania* [En ligne], 16 | décembre 2013, consulté le 16 mars 2017.

URL: <http://e-spania.revues.org/22796>; DOI: 10.4000/e-spania.22796.

VASCONCELOS, Jorge Ferreira de (1567), *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, Coimbra.

VASCONCELOS, Jorge Ferreira de (1867), *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, Coimbra, João de Barreyra.